

Concepções de Linguagem nas Histórias em Quadrinhos: o que dizem Jovens e Adultos Camponeses

Gustavo Cunha de Araújo
Davi Milan

Como citar: ARAÚJO, Gustavo Cunha de; MILAN, Davi. Concepções de Linguagem nas Histórias em Quadrinho: o que dizem Jovens e Adultos Camponeses. *In:* BERSI, Rodrigo Martins; MIGUEL, José Carlos (org.). **Pesquisas em Educação:** contribuições de egressos do PPGE. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p. 53-68. DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-603-9.p53-68>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Concepções de Linguagem nas Histórias em Quadrinhos: o que dizem Jovens e Adultos Camponeses

Gustavo Cunha de ARAÚJO¹⁵

Davi MILAN¹⁶

Introdução

Realizar uma pesquisa de cunho educacional que envolve diferentes sujeitos inseridos no contexto social e cultural de uma instituição acadêmica é uma forma de produzir conhecimento. Assim, entendemos que a construção de conhecimentos está relacionada diretamente com a interação social que o indivíduo tem com o ambiente e com outras pessoas. Do ponto de vista da perspectiva Histórico-Cultural, em especial nos estudos de Vigotski (1999), o desenvolvimento é impulsionado pelo aprendizado e, que o bom ensino, aquele eficaz, é o responsável pelo avanço do desenvolvimento. Com relação à contribuição dos estudos de Vigotski para a educação, em algumas de suas pesquisas é possível observar a importância dada à linguagem, relevante para a comunicação humana, pois essa comunicação com o outro é condição para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores: por meio da linguagem a interação se torna possível; interagir com o outro e sobre um objeto, o sujeito desenvolve essas funções. Este pensamento considera a linguagem como fator primordial

¹⁵ Doutor em Educação pela UNESP, Marília. Universidade Federal do Norte do Tocantins. E-mail: gustavocaraujo@yahoo.com.br. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq PQ-2.

¹⁶ Mestrando em Educação pela UNESP, Marília – SP. Univesp – Universidade Virtual do Estado de São Paulo. E-mail: davimilan145@gmail.com.

para a comunicação e a interação social entre as pessoas inseridas num determinado contexto histórico e cultural.

Ao propormos o tema da pesquisa, buscamos caracterizar e delimitar o problema a ser respondido e analisado, dentro do campo teórico e empírico pertinente a esta pesquisa. Nesse sentido, ao considerarmos a prática docente e de pesquisadores em educação, em consonância com as nossas inquietações enquanto professores, destacamos as questões norteadoras desta pesquisa: quais obstáculos os estudantes jovens e adultos da Educação do Campo se deparam com os processos de leitura e de escrita? Qual é o papel da arte na produção de conhecimento desses estudantes? As histórias em quadrinhos estão presentes na realidade¹⁷ do estudante jovem e adulto da Educação do Campo? Quais os conhecimentos produzidos pelos alunos jovens e adultos camponeses através das produções de histórias em quadrinhos? Quais são as vivências e recepção deles ao conteúdo das histórias em quadrinhos trabalhadas no Experimento Didático-Formativo? As HQs¹⁸ podem impulsionar o interesse pela leitura desses estudantes? Essa linguagem pode inserir o estudante da Educação do Campo na cultura escrita e visual? Com o propósito de tentar responder essas questões, construímos um diálogo com a teoria Histórico-Cultural.

Para alcançar o objetivo pretendido neste estudo, que se refere a analisar algumas concepções de escrita e histórias em quadrinhos de estudantes camponeses, para que possamos compreender o que entendem por essas linguagens, e como representam a suas realidades a partir dos quadrinhos, optamos pela pesquisa aplicada, de natureza explicativa (Prodanov; Freitas, 2013). Tem-se no Experimento Didático-Formativo (Aquino, 2017, 2015, 2013) o método utilizado durante toda a pesquisa, na geração dos dados (pesquisa de campo, entrevistas com estudantes camponeses e produção de histórias em quadrinhos). Contudo, para este capítulo, socializamos um

¹⁷ Ao mencionar a inserção do indivíduo na realidade, Kosic (1976, p. 44) ressalta que essa presença precisa ser objetiva e prática a partir de uma relação de historicidade com a natureza e na interação com os outros, e não meramente especulativa. Embora essa realidade possa se apresentar em determinados momentos contraditória, é necessário compreendê-la em sua totalidade, entendida como “realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer pode vir a ser racionalmente compreendido”.

¹⁸ Abreviação de História em Quadrinhos que será utilizada em alguns trechos desta pesquisa.

recorte de alguns desses dados, neste caso, de parte das entrevistas realizadas com os participantes.

Resultados e Discussão: a concepção de histórias em quadrinhos de jovens e adultos camponeses

As histórias em quadrinhos como linguagem que representa a realidade do jovem e do adulto da Educação do Campo foram trabalhadas em diferentes momentos do Experimento Didático-Formativo, como já foi mencionado neste relato de pesquisa. Algumas tarefas foram voltadas à parte teórica de conhecimento da sua linguagem visual e o seu contexto histórico; em outras, na produção verbal e visual das histórias. Porém, em todos esses momentos, os alunos sentiram a necessidade de trabalharem e conhecerem mais essa linguagem que, embora não estivesse presente na maioria da realidade deles, era importante para que ativassem as suas ações mentais e a se interessarem pelo conteúdo. Assim, ao serem motivados após a necessidade criada, passaram a se interessarem pelas tarefas propostas no experimento.

A respeito das histórias em quadrinhos, os estudantes jovens e os adultos camponeses assim conceituaram essa linguagem:

Agora tá difícil...vou responder...(risos)...olha história em quadrinho é você mostrar uma realidade através dos desenhos né, porque o desenho chama muito a atenção...tanto do adulto quando da criança. (A5)

É uma história que a pessoa conta ali em forma de quadrinhos né... a minha é real, realmente aconteceu comigo lá na minha comunidade, vivenciei e presenciei o caso....e outros inventaram a história né. (C5)

Professor, para mim seria uma história resumida que utiliza imagens ou não...acho que trabalha muito a questão de ilustração...pra crianças e adultos também. (E5)

História em quadrinho para mim é a gente contar uma história não de ler só desenhos, mas também pode ser usando os desenhos e a escrita. (G1)

História em quadrinho é uma pequena história...real ou imaginária. (G3)

Assim, por exemplo, até eu fiz um modelinho da história em quadrinhos na cartolina, e eu vi que a gente tem total possibilidade de mudar...eu posso contar a mesma história de diferentes formas, mas baseada no meu texto eu posso mudar até o meu vocabulário. (I1)

História em quadrinho tem que ter várias falas, tem que ter o desenho né, e tem que ter início, meio e fim. (L1)

Eu diria que a história em quadrinhos é uma construção do conhecimento, de uma forma mais expressiva, e diria também que nos possibilita transferir o mundo para o papel, que não é uma coisa muito simples, e a história em quadrinhos tem essa competência. (L3)

Para mim são as imagens... então às vezes só a gente olhando as imagens já sabe o que aquela história quer dizer. (L4)

Para mim, história em quadrinhos é...ela tem utilidade muitas vezes de provocar o leitor, de divertir, de informar, de criticar algo, é uma história que o personagem tem oportunidade de vivenciar, de imaginar. (S1)

É uma sequência de fatos contados de forma reduzida e ilustrada com personagens. (S2)

A maioria das respostas apresentadas pelos jovens e adultos deixa claro que as histórias em quadrinhos são formas de representar a realidade por meio dos signos verbais e não verbais (desenhos). Além de alguns alunos, como é o caso do A5 e da G1, associarem essa linguagem com a escrita, compreendem que as HQs são meios que possibilitam a eles não apenas representar o real vivido, mas também o imaginário.

O experimento demonstrou que as histórias em quadrinhos podem impulsionar o interesse pela leitura do jovem e do adulto camponeses. Pelo fato de muitos virem de camadas populares, com histórico de ineficiência das práticas didáticas, encontrou nessa linguagem uma forma de se relacionarem com o mundo e a modificarem os seus pensamentos, o que lhes permitiram revelar o que está por trás de suas histórias: luta pela terra, trabalho, questões agrárias, emancipação e educação. Destacamos ainda que as suas falas mostram que as suas experiências de vida, culturas e letramentos

constituídos em seu meio não estão separados da totalidade camponesa na qual se inserem.

Os conceitos aqui construídos por eles demonstram que a representação geral (pensamento empírico) que fizeram do objeto estudado (Histórias em Quadrinhos) foi importante para conseguirem chegar ao teórico e entender que essa linguagem é constituída não apenas por palavras, mas principalmente por desenhos. Essa formação de conceitos ocorreu via desenvolvimento de pensamento, uma vez que os ajudou a elaborarem a sua consciência e a compreenderem essa totalidade.

Com efeito, o pensamento teórico “não tem por objeto a diversidade imediata das coisas; estuda-as por meio da objetivação idealizada específica e só então realiza as suas possibilidades. Os símbolos e os signos são os meios de construção da objetivação idealizada”. (Daviđov, 1988, p. 134). Ou seja, os conteúdos trabalhados nas tarefas de estudo a respeito das histórias em quadrinhos ajudaram na formação do pensamento teórico dos alunos. Em suma, o desenvolvimento dessa atividade proporcionou uma formação mais plena neles, ao conseguirem identificar e conhecer os signos que compõem as histórias em quadrinhos.

À luz desse pensamento, Daviđov (1988) defende que o ensino deve impulsionar o desenvolvimento mental dos alunos. E por que não partir de suas realidades por meio da arte? Com isso, o ensino pode ajudá-los a terem uma atitude nos modos de pensar, analisar e entender os objetos e as relações que esses têm com a realidade. É por isso que o pensamento teórico, que ocorre da ascensão do abstrato ao concreto, é relevante nesse processo, pois possibilitou ao jovem e adulto do campo a amadurecer as suas funções psíquicas superiores.

Destacamos ainda que nas aulas do experimento buscamos não “entregar” o conceito pronto ao aluno, pois era necessário que ele o desenvolvesse a partir de suas experiências com a realidade e por meio de situações-problema promovidas pelas produções das histórias em quadrinhos, ocorridas no Experimento Didático-Formativo, o que nos permitiu inferir que muitos deles tiveram condições de desenvolver a sua criatividade.

Com o objetivo de dar sequência nessas análises, exponho o que responderam o que entendiam por escrita:

Escrita é você saber escrever tudo certinho, pôr vírgula, por tudo, então escrita para mim é isso. (A1)

É a forma utilizada para transmitir uma mensagem, seja ela de forma visual ou não. (A2)

Olha, para mim escrita é você saber escrever corretamente...porque a escrita é você escrever o que tá pensando, porque se você não escreve corretamente, muitas vezes a pessoa não vai saber o que você quis dizer. (A5)

É um desenho de palavras...porque às vezes tem pessoas que não conseguem escrever porque não tem aquela habilidade de manusear uma caneta. (C3)

É a maneira que usamos para expressar nossos pensamentos...e a escrita nos faz estar melhorando nossa leitura. (E2)

Escrever é colocar em prática aquilo que você está pensando. (G1)

Para mim não é só letra não...se eu fazer um desenho, um desenho também é um tipo de escrita, não é? É uma forma de comunicação. (J1)

Eu acredito que a escrita é a transferência daquilo que eu aceito ou eu tenho construído... aquilo que eu conheci, aquilo que eu vivi, aquilo que eu vivenciei...então a escrita é a transferência do meu conhecimento para o papel. (L3)

Bom, pra mim a escrita transmite alguma mensagem que a pessoa olha e consiga entender o que tá dizendo ali...para mim o conceito de escrita não é só letra não...tem um significado dependendo de cada contexto. (M2)

É uma forma, assim como a arte, de expressar sentimentos, opiniões, críticas. (S1)

É o ato de transmitir a mensagem, seja ela de forma verbal por extenso ou visual. Pois a escrita é ato de registrar. (S2)

Os seus depoimentos demonstram que a escrita precisa ser algo “bem feito”, reforçado pelas falas dos alunos A1 e A5, pois, além de ser um registro

de ideias, pensamentos e informações produzidas, a escrita está associada ao desenho, o que lhe confere uma qualidade estética.

Nas suas palavras, a escrita melhora a interpretação, pois escrevo não apenas para mim, mas para as outras pessoas também, o que evidencia a importância da interação na formação das funções psíquicas superiores do jovem e do adulto do campo. Além de “libertar” o camponês, tanto a leitura quanto a escrita são conquistas significativas para eles em busca de seus direitos enquanto cidadãos, uma vez que muitos deles são analfabetos funcionais, o que implica a mudança da realidade deles pela arte, leitura e escrita.

Sob essa afirmação, as histórias em quadrinhos produzidas por eles no experimento foram fundamentais para que eles enfrentassem as suas realidades, superando-as ao mostrar que são capazes de agir com mais fomentação crítica e com intensa participação nos interesses de seu povo, por meio de movimentos sociais e mobilizações que buscam lutar por seus direitos. Não é porque são camponeses e moram no campo que não mereçam atenção ou que não sejam considerados fundamentais para as tomadas de decisões do país. Nesse sentido, é possível dizer que as linguagens escrita e oral são revolucionárias para eles.

Com esse pensamento, defendemos que trabalhar com textos escritos com jovens e adultos da Educação do Campo é uma forma interessante para motivá-los a respeito da importância da leitura para o processo formativo deles. Ou seja, buscamos “provocá-los” no interesse deles para a leitura. Embora gostar de ler ou ter interesse pela leitura pode ter influência cultural e familiar desse sujeito no seu contexto camponês, esse conhecimento foi fundamental para que nós conseguíssemos trabalhar com os textos escritos e visuais com eles a partir de suas vivências, interesses e necessidades, com o objetivo de captarem a essência do real, e não simplesmente observarem “superficialmente” o que liam e escreviam no experimento.

É por meio dos textos que eles expressam as suas ideias, sentimentos e conhecimento, e porque não dizer, instrumento de luta? Ora, a linguagem escrita e oral é um interessante meio de expor os seus questionamentos no que concerne à sociedade atual. A partir dessa perspectiva, é preciso mencionar também a linguagem visual nesse processo que, em consonância com a produção artística que eles realizaram no Experimento Didático-Formativo, foi importante para a formação estética e cultural deles.

Essas análises permitem afirmar ainda que não tem como dissociar o texto expresso nos balões e legendas das histórias em quadrinhos dos seus desenhos e outros elementos visuais presentes nessas histórias. Tanto os signos verbais quanto os visuais proporcionam interpretações e representações da realidade camponesa, uma vez que, quando o desenho se soma com a palavra, formam uma fusão e passam a descrever não apenas a história contada, mas fornece o diálogo, sons e outros signos visuais para o processo de compreensão da história.

Queremos mencionar ainda que as dificuldades apresentadas por eles ao longo do experimento nem sempre são ortográficas ou gramaticais, pois eles buscavam melhorar os textos produzidos por eles com os exercícios feitos nas tarefas, o que ficou evidente tanto nos trabalhos feitos, quanto em seus relatos orais aqui socializados. Constatamos que eles tinham dificuldades também em compreender e raciocinar sobre o conteúdo e assunto trabalhado que não são voltados as suas realidades.

A Escrita do Estudante Camponês Jovem e Adulto

Segundo Vigotski (2007), a linguagem escrita é constituída por signos verbais que se relacionam, dialeticamente, na conjuntura do texto. Nesse sentido, é fundamental que o indivíduo se comunique com o mundo a sua volta, ao estabelecer relações culturais e reais com as pessoas. Nessa direção, por ser um sujeito histórico e social e autor de sua própria história, o jovem e o adulto da Educação do Campo têm na linguagem escrita e na leitura a possibilidade de se humanizar e se apropriar da cultura. Esse processo se efetiva na medida em que ele interage com as pessoas a sua volta e com “parceiros” mais experientes que ele. Esse processo é importante para o amadurecimento de suas formações mentais.

No que se refere à escrita, procurei compreender que importância os estudantes dão a essa linguagem na Educação do Campo. Assim relataram:

É importante igual à leitura, porque se você ler muito, você escreve melhor. Se você não ler, você não tem uma escrita cem por cento. A leitura e a escrita têm que andar juntas. (A1)

A leitura e a escrita são instrumentos importantes para os sujeitos do campo, sejam autônomos no sentido de responder por si. (A2)

A escrita é importante porque...é meio que redundante, porque da mesma forma que a leitura, a escrita também é importante...a leitura é algo escrito...você aprende ler escrevendo, igual lá no estágio (7º ano), quando a gente foi estagiar e falou para os meninos da turma fazerem um texto sobre alguns questionamentos lá, e pensando eu que eles iam fazer em casa, para entregar na próxima aula, porque o objetivo era esse, e tinha uma menina toda empolgada com a metade da folha já escrita, e a gente surpreende porque eles são do campo, e eles gostam de escrever, e os da cidade não gostam. A gente não tem o prazer de escrever, de ler, porque, pelo menos para mim, na minha infância, eu tinha isso como obrigação, eu era obrigada a ler, e eu era obrigada a escrever...então se é algo que você tem obrigação, no futuro você não tem prazer com aquilo ali. (A3)

Porque o cidadão precisa adquirir essa ferramenta...porque para ele escrever o que ele pensa, o que ele acha né, do sistema na qual ele vive...porque se ele só reescreve o que as pessoas escrevem, ele precisa escrever a sua própria história, precisa ser independente. (A5)

Já a escrita, também, é importante pelo fato de...as pessoas entenderem o que você quer passar...porque um ponto já diz muita coisa, um ponto de interrogação, uma vírgula. (C3)

Para se libertar professor...(risos)...é também, porque quando a pessoa não sabe ler, ela vive presa. Eu faço isso porque lá onde eu moro, tem muitas pessoas que são analfabetas, que não sabem mesmo ler não, mas tem uma colega minha lá que vive reclamando, porque ela não sabe ler, não sabe escrever de jeito nenhum, aí ela tá sempre pedindo as pessoas pra fazer. (C5)

Porque se eu sei escrever, eu lá no campo vou poder fazer qualquer documento e...mandar para qualquer lugar. Eu vou aprender a me comunicar através da escrita também. (D1)

Ah professor, a escrita tem uma importância muito grande, porque, tipo assim, se você pratica a escrita, você vai escrever mais simples, sua caligrafia vai mudar, e a língua vai mudar também...eu tinha uma dificuldade muito grande de “é” pra “e”...é como se você tivesse no fundo do poço, aí vão lá e te tira. (I1)

Eu acredito que quando mais você ler, mais você aprende...aumenta a capacidade de você escrever melhor né...e na escrita você precisa ter uma boa compreensão para escrever. (J1)

Acho que é a questão da documentação...do que sabe, do que faz, do que acontece né...no campo...porque é o seguinte, se acontece um determinado caso, se não se escreve, aquilo, a tendência é ficar no esquecimento...se não registra isso, ele. (J2)

O aluno do campo já sofre um preconceito por ser do campo e não tiver a leitura e uma escrita acessível já é taxado como analfabeto que não sabe ler nem escrever. Tanto a escrita quanto à leitura é muito importante para o aluno do campo. (R2)

É comum nas falas dos alunos a importância da leitura e escrita para o seu aprendizado e para a construção de conhecimento. Porém, alguns ressaltaram da relevância dessa linguagem para se inserirem na sociedade, isto é, para aqueles que não sabem e não exercem as ações de ler ou escrever, o fato de conseguirem assinar um documento se mostra uma grande conquista para que ele possa participar enquanto cidadão em seu meio social. Além disso, há alguns alunos que destacam a melhoria para a leitura o fato de exercitarem a escrita, como é o caso das alunas A3, C3 e I1.

A relação dialética entre a leitura e a escrita está presente nas falas dos alunos (A3, C3, I1), além de concederem essas duas linguagens relevantes. As suas repostas trazem indicativos de que eles entendem que a escrita não se dissocia da leitura no processo de interação e comunicação humana. Com isso, ambas são significativas para expressarem as suas ideias, conhecimentos de mundo e questionamentos da realidade camponesa. Em adição, a escrita possibilita ao jovem e adulto da Educação do Campo deixarem registrada a sua vida no papel, o que os coloca como sujeitos e autores de suas próprias histórias.

Além disso, a linguagem escrita é uma forma de libertação para eles, como relata a aluna C5, pois por meio dessa linguagem, o camponês representa os seus interesses, vontades e enfrenta as intempéries da vida. Com a escrita, esse sujeito exerce o seu direito de se posicionar criticamente, tão negado pelo Estado, pois assinar um documento e compreender melhor e com mais consciência a sua realidade, é mais que uma grande conquista de direitos: é um ato revolucionário para ele.

No entanto, a escrita na Educação do Campo também está relacionada ao processo de escolarização precária desses sujeitos, uma vez que aprender a ler e a escrever como imposição obrigatória do professor, com métodos tradicionais, sem considerar a realidade desse povo e seus saberes, apenas afasta esse educando do interesse em desenvolver melhor os seus processos de leitura e escrita. Assim, quando pretendem continuar os seus estudos na universidade, trazem com eles essas experiências negativas que, inclusive, afetam eles no processo de ensino e aprendizagem ao longo da graduação. Essa constatação foi possível a partir do depoimento da aluna A3.

Em outras palavras, se não há o desenvolvimento habitual da leitura e da escrita (Vigotski, 2010), isto é, se é ausente à relação dialética entre essas duas ações linguísticas no processo de formação do jovem e do adulto da Educação do Campo, a necessidade de aprendizagem e, conseqüentemente, a formação da sua consciência não se desenvolvem efetivamente.

Seguindo essa lógica, conceber a língua à luz da abordagem dialógica, reflete o entendimento de que, por natureza, ela está em real funcionamento e à disposição dos sujeitos para exercerem suas práticas sociais. De acordo com Bakhtin (1992), a língua é uma atividade essencialmente social, dada as condições favoráveis na qual ocorre a comunicação entre os interlocutores. Sob a ótica do autor, entende-se que ela recebe influência do contexto, o que leva um participante agir, de maneira recíproca, com o(s) outro(s).

Nesse meio de campo e, levando em consideração o contexto do ensino propriamente dito, é possível observar, por meio das concepções dos estudiosos do texto e do discurso, que toda prática pedagógica é conduzida por uma determinada concepção de língua. Mesmo que não esteja explícita, ela está coagindo e permeando as experiências de todos os participantes que integram o plano da atuação verbal. Sob esse viés, e não perdendo o foco da abordagem dialógica, pode-se assumir uma noção de língua

[...] como um fenômeno social da **interação verbal**, realizada pela enunciação (enunciado) ou enunciações (enunciados) [...] não constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas [língua como sistema de formas – objetivismo abstrato] nem pela enunciação monológica isolada [língua como expressão de uma consciência individual – subjetivismo individualista], nem pelo ato psicofisiológico de sua produção [atividade mental]. (Bakhtin, 1992, p. 123, grifo do autor).

Os estudos da vertente textual entram em consonância com a teoria bakhtiniana, ao explorar a enunciação como uma manifestação da atividade social e interacional. Sob a ótica do autor, a enunciação se define ou se apresenta como um produto de dois indivíduos historicamente situados em uma determinada situação, levando aquilo que está no interior da linguagem a ser emitida (Bakhtin, 1986). Assim, a língua é uma atividade essencialmente social e é marcada por uma postura ideológica e, portanto, de ordem social, na qual a ordem dos discursos e dos sentidos a caracterizam por ser essencialmente dialógica por natureza.

Nesse íntim ressaltamos que a maioria desses estudantes tem interesse pela escrita, o que é importante para desenvolverem os seus pensamentos e a sua criticidade. Não é porque são do campo, que vivem em condições precárias tanto de moradia quanto de escolarização que não se interessam pela leitura e escrita. No entanto, a dificuldade em escrever, de se apropriar e conhecer diferentes signos verbais e visuais leva alguns jovens e adultos camponeses a não gostar de desenvolver essa ação linguística; portanto, a se afastar dela e, conseqüentemente, não continuar em seu desenvolvimento. Isso ficou claro em suas falas ao perguntar se tinham alguma dificuldade com a escrita:

Eu tenho. Ortografia. Fica mudando essas coisas...querendo renovar. (A1)

Tenho...palavras difíceis, pontuação. (C2)

Tenho muita dificuldade com ortografia. (C5)

Eu tenho, assim...as habilidades...eu não tenho dificuldade para escrever...hoje eu tenho receio da escrita justamente porque a ortografia mudou muito do tempo que aprendi a escrever...então aquilo que era certo, hoje não é mais certo. (L3)

Sim, com algumas palavras que às vezes fico com dúvidas de como é a palavra, ou seja, de como escrever a palavra. (G1)

Eu tenho...eu já estudei as normas, mas acho confusas...é tanta regra da linguagem portuguesa... porque eu tenho dificuldade entre “ss”, “c”, “sc”. (G3)

Assim, com algumas palavras, por exemplo, “ç”. (I1)

Sim, depois da nova ortografia eu escrevo muitas palavras erradas. (I2)

Sim. Tenho com a ortografia. (J1)

Eu tenho lá...a questão do Português...aquelas regrinhas assim...se eu for fazer tudo acima dos conformes, aí fica mais complicado. (J2)

Eu tenho. Palavras grandes. (M1)

É evidente em seus relatos que a maioria dos jovens e adultos da Educação do Campo compreende que a principal dificuldade em escrever é a apropriação de novos signos verbais que, até então, eram desconhecidos por eles, muito devido à nova ortografia brasileira que entrou em vigor no ano de 2016 no país. Sob essa constatação, entendemos que as histórias em quadrinhos que eles produziram no Experimento Didático-Formativo são importantes nesse processo, pois trabalhadas na perspectiva Histórico-Cultural, levam eles a superar o ensino tradicional baseado por exercícios repetitivos e mecânicos que, associados a métodos obsoletos, pouco contribuem para esse educando a avançar na escrita. As suas falas revelaram essa afirmação.

Nesse sentido, tanto a escola quanto a universidade não devem trabalhar com a leitura e a escrita de forma superficial, pois elas não devem ficar apenas na decodificação de sinais gráficos e palavras. Diante disso, acrescentamos ainda que as histórias em quadrinhos proporcionam a esse educando maior qualidade nos seus processos de leitura e escrita, ao trabalhar no desenvolvimento de signos verbais e visuais na produção de textos, o que ajuda significativamente na evolução desses processos no percurso formativo de sua vida.

É importante lembrar que a vida desse camponês que quer escrever e ler não é nada fácil. Muitos percorrem grandes distâncias até universidade, às vezes a pé ou de carona (quando tem), tudo isso associado a trabalhos desgastantes no campo, nas tarefas coletivas de suas comunidades, nas plantações colheitas, assentamentos entre outros. Geralmente são vistos pela sociedade dominante como “inferiores”, sem ao menos, possibilitar-lhes a transformação de sua própria realidade. É por isso que é importante romper com a lógica formal do ensino que entende apenas ser correto e verdadeiro, determinados

métodos e conteúdos trabalhados em sala de aula, que não levam em consideração o contexto camponês. Queremos dizer que se o jovem e o adulto da Educação do Campo se deparam com uma realidade na universidade totalmente diferente da dele, ele não se interessará em aprender e a desenvolver a sua escrita e, conseqüentemente, a sua leitura, dois instrumentos importantes para exercerem os seus direitos e a continuarem na luta pela Reforma Agrária.

Alguns desses estudantes preferem escrever no computador, outros, manualmente. Independente dos meios que utilizam para representar as suas realidades e as suas ideias, eles gostam de escrever, mas, pelas dificuldades que têm com essa ação linguística, em compreender determinadas palavras, signos visuais entre outros já mencionados, acabam se afastando dela. É por isso que pelos trabalhos realizados por eles no Experimento Didático-Formativo, quando produziram as histórias em quadrinhos, não temos dúvidas de que a arte os ajudou a se interessarem mais pela linguagem verbal e linguagem visual. Com efeito, é possível dizer que as histórias em quadrinhos ampliam o universo letrado do homem do campo.

Considerações Finais

Os estudantes jovens e adultos apresentam diferentes concepções acerca da escrita e histórias em quadrinhos. Alguns a compreendem como algo que precisa ser “correto”, que expressa diferentes expressões, o que evidencia que escrever e ler hoje em dia é de fundamental importância para comunicar com as pessoas e o mundo a sua volta. Por outro lado, acerca dos quadrinhos, entendem essa linguagem como forma de representar a realidade camponesa, a partir de signos visuais.

Em consonância com essas considerações, está evidente que a política e a economia vigentes no Brasil e que influenciam diretamente o campo brasileiro precisam ser revisadas e reformuladas, pois impossibilitam que a diversidade cultural se fortaleça nesse âmbito. Nesse cenário, a tônica do capitalismo é propor políticas de seu interesse, com a justificativa de fazer ajustes econômicos para recuperar o crescimento do país. Na verdade, a realidade que se mostra é bem diferente, pois as taxas de juros aumentaram, assim como as desigualdades sociais, o que culminou no crescimento do desemprego e na baixa qualidade do ensino ofertado na Educação Básica e no Ensino Superior no Brasil.

Essas são algumas das contradições que determinam e reproduzem as opressões da classe dominante contra a classe trabalhadora do campo. Logo, lutar por um projeto de educação que seja efetivamente voltado à população camponesa é uma forma de criar novas condições materiais de vida do homem e da mulher do campo que, historicamente, vivem em condições de exploração e submissão, como muitos jovens e adultos revelaram nesta pesquisa. Com efeito, pensar que tanto a escola quanto a universidade são espaços de intensas contradições, identificá-las é essencial para transformar a realidade daquele camponês que frequenta essas instituições. É por isso que as abstrações realizadas por eles no Experimento Didático-Formativo foram importantes, uma vez que conseguiram captar informações que, até então, eram desconhecidas da sua realidade.

A Educação do Campo é mais que um movimento educacional, é uma ciência que luta contra a hegemonia tradicional da educação e contra as investidas do capitalismo que a vê como mercadoria. Com esse pensamento, essa educação deve promover nos estudantes o pensamento teórico, para que consigam compreender o campo e transformá-lo. Com isso, terão condições de entender que o cavalo que eles andam é um transporte, que a enxada usada na lavoura é um instrumento de trabalho, que os alimentos produzidos por eles seguem um ciclo para germinarem, que a matemática aprendida na escola pode ajudá-los na medição de quantos hectares plantaram, que o contato com as artes na universidade pode auxiliá-los a entender que os artesanatos e as músicas produzidas em suas comunidades são manifestações artísticas. Enfim, é importante que o camponês se reconheça como sujeito tão importante quanto aquele cidadão que mora na cidade e que a roça é também o seu emprego.

Referências

AQUINO, O. F. O Experimento Didático-Formativo: contribuições de L. S. Vigotski, L. V. Zankov e V. V. Davídov. In: LONGAREZI, A. M.; PUENTES, R. V. (Orgs.). **Fundamentos psicológicos e didáticos do Ensino Desenvolvidor**. Uberlândia: EDUFU, 2017, p. 323-350.

AQUINO, O. F. **O experimento didático-formativo**: contribuições para a pesquisa em didática desenvolvimental. Uberaba: UNIUBE, p. 1-13, 2015.

AQUINO, O. F. Do experimento genético ao experimento formativo: contribuições de L. Vigotski e V. Davidov à pesquisa em Didática e formação de professores. In: **Anais...** XI CONPE, Universidade Federal de Uberlândia, p. 1-21, 2013.

BAKHTIN, M; VOLOCHÍNOV, V. [1929]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo Martins Fontes, 1992

DAVÍDOV, V. V. **Problemas do ensino desenvolvimental**: a experiência da pesquisa teórica e experimental na psicologia. Tradução de José Carlos Libâneo e Raquel A. M. da Madeira Freitas. [1988]. Disponível em: <<http://professor.ucg.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/5146/material/Davydov>>.

KOSIC, K. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Neto, Luís Barreto e Solange Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. Tradução de Claudia Berliner. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.